



**Espelho, Espelho meu:
Uma Lição Monetária, um Microconto**

Mirror, my Mirror:

A Monetary Lesson, a Microcontement

Marcelo Calderari Miguel ¹

Em um reino distante, havia uma rainha tão vaidosa que achava que seu reflexo no espelho deveria receber um salário. A cada dia, ela gastava horas diante do espelho, ajustando sua coroa e admirando sua impecável beleza.

Contudo, a vida é feita de surpresas e, um belo dia, o espelho começou a falar: "Alteza, estou cansado de ser apenas um espectador passivo. Se você quer tanto se ver, que tal me pagar por isso?"

A rainha ficou atordoada: —"Como assim? Um espelho falante e mal-educado?"

—"Sim, e não só falo, também tenho opiniões", respondeu o espelho em irônico revérbero.

A rainha, indignada, chamou seu conselheiro e ordenou que jogassem o espelho no calabouço do castelo. Mas o fiel escudeiro, mais astuto do que parecia, sugeriu outra solução.

—"Por que não transformamos o espelho em um objeto de utilidade pública? Assim, todos poderão pagar para se admirar nele e você ganhará algo que já é seu."

A ideia pareceu encantadora à rainha, que concordou. O espelho foi colocado na única praça do reino, onde as pessoas podiam se ver e se pagar à vontade pela mera verdade.

A partir desse dia, a majestade aprendeu uma capitalista lição: a verdadeira beleza não está apenas na aparência, mas na utilidade que damos às coisas e no modo como nos relacionamos

¹ Bibliotecônomo e arquivologista pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES; Mestrando em Ciência da Informação - PPGCI/UFES; Diretor de Biblioteca, Arquivo e Museu no Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha: IHGVV-Casa da Memória | E-mail: calderari100@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>.



com elas. E o espelho, bem, ele encontrou uma nova vocação como instrumento de irreflexão para otários que iam ouvi-lo. E no fluir da vida, além dos contos, a sina se transmuta em poesia.

Vislumbres sobre a refletividades

Em reino distante, soberana vaidosa,
O espelho, testemunha muda, replica:
"Pague-me, oh rainha, por cada vislumbre!"
Atordoada no revérbero, descomplica a súplica, .
Indignada, manda quebrar ou calar o espelho,
Mas fiel escudeiro, astuto, em seu conselho,
Propõe transformá-lo em utilidade pública.

Na Cronópios praça, o espelho é colocado,
Todos pagam pela imagem, soma e cifra centrada.
Aprende a rainha, beleza é uma aguerrida utilidade,
E o espelho? Em nova função, com fala alvitrada.
Reflete a irreflexão, ora parcimônia ou desilusão,
Ouvem-no na incompreensão, em torquês confusão.
Nobre lição, e, saiba: a arrecadação pode ser lastreada.